



MEU VIZINHO ALEMÃO DA

KGB

por ** Daniel Pereira

Há quanto tempo o senhor fuma? A pergunta, que não queria calar desde que, há alguns anos, fui admitido no clube dos hipertensos, agora era assustadora. A sentença do terrorista de jaleco branco depois de uma breve aula sobre fibrilação atrial (FA), o tipo mais insinuante de arritmia cardíaca, foi curta e grossa: apague definitivamente o cigarro, beba com moderação e pratique uma atividade aeróbica. Caminhe!

Era sexta-feira. Medrei. Não fui ao happy hour. No domingo, 11 de setembro, acordei com o rádio repetindo à exaustão a retrospectiva dos 10 anos do pior pesadelo do século XXI. Girei o dial para a Bandeirantes e pesquei o âncora desafiando os ouvintes a responder a pergunta que copiou da propaganda de uma empresa aérea: Quando foi a última vez que você fez alguma coisa pela primeira vez?

Topei a proposta. Ainda não conhecia o calçadão (antigamente isso era conhecido como pista de cooper) da Avenida Caetano Álvares. Poderia ir ao Horto Florestal, como sempre fazia. Mas não seria conveniente para um sedentário e ex-fumante recente enfrentar subidas que exigem muito esforço físico. De qualquer forma, ou por cagaço mesmo, pensei que seria boa ideia levar uma companhia. Ninguém estava disponível. Levo o cachorro? Melhor não, o cara é antissocial. Já sei! Vou levar Sagarana, do Guimarães Rosa para ler à sombra de uma bela árvore depois da caminhada. O mineiro de Cordisburgo (hibridismo do latim e alemão que significa Vila ou Cidade do Coração), também foi diplomata e médico (entre outras atividades),

era hipertenso, obeso, sedentário e fumante inveterado. Fico imaginando como deveria ser o diálogo entre o médico e o escritor. Eleito imortal da Academia Brasileira de Letras, despediu-se com um discurso apoteótico e premonitório: “As pessoas não morrem, ficam encantadas”. Encantou-se três dias depois.

*

De volta à terra. A decisão de não levar o cão foi acertada: ali ele seria apenas mais um na matilha. Aliás, para quem é cinóforo, o calçadão da Caetano Álvares não é lugar mais recomendável para uma caminhada tranquila.

Caninos à parte, o percurso de quase cinco quilômetros logo se revela um prato cheio de informações em todos os sentidos. A paisagem dos dois lados da avenida reserva situações que vão do hilário ao bizarro. Ou trágico, como o assassinato de um valente coronel da PM, em 2008.

Um caminhão se intromete entre os carros na pista em direção à marginal, e até esse intruso tem o que dizer com sua filosofia de para-choque copiada de Charles Chaplin: “A vida é uma tragédia quando vista de perto, mas uma comédia quando vista de longe”. Talvez seja assim que se sente a garota-propaganda com pernas de pau, que se arrisca no asfalto 40 graus berrando as atrações de uma concessionária de carros. Um pouco à frente, o exemplo de banalização do sincretismo sexo-religioso: no andar de cima do sobrado, a escola de dança do ventre; no térreo um templo evangélico,

que bem poderia chamar-se “Igreja das Putas Tristes” porque, nos fundos, funciona um bordel com o sugestivo nome de “Vem cá, meu bem!” E como tem freguês, meu camarada! Aleluia, irmãs, aleluia!

Perto do meio-dia, o aroma de picanha na brasa que exala das churrasqueiras é um desafio torturante para os ‘atletas’ do calçadão. Melhor acelerar o passo e segurar a vontade. É o que faz a menina de walkman vermelho e rabo-de-cavalo esvoaçante que me ultrapassa, como Peter Pan flutuando entre as árvores da alameda. Visual interessante e generoso, um colírio, mas que dura só o tempo de ela sumir na primeira curva. Gostosa!

*

Nesse devaneio não me dei conta do magote de gente invadindo o calçadão. Era uma gincana. Uma pretensa sacada de merchandising. À frente, um agitador de trejeitos delicados tentava imitar Silvio Santos, Faustão, Lula, Clodovil e similares. Se tivesse planos de seguir carreira de comediante estaria ferrado. O fato é que o sujeito convidava os transeuntes a aderir ao que ele chamava de passeata ecológica. Uma fajutice, claro!

A primeira vítima do animador foi um afrodescendente com silhueta de armário e cara de Vovó... Zona, personagem do ator Martin Lawrence. Tipo enjoado, logo se via pela elegância do agasalho de grife marrom com listras amarelas. No peito um brasão, em amarelo e vermelho, com as iniciais KGB.

– Alemão?!

Diante do olhar de galinha do animador, não deixou dúvida:

– É, isso mesmo: A-LE-MÃO!

(“Além de tudo um gozador”, pensou o rapaz. “Me ferrei”).

Não teve tempo de engatar o papo. Um camarada, com jeitão de leão-de-chácara, tomou-lhe o microfone e despejou um caminhão de esporros na cabeça dele. Aos trancos e barrancos o rapaz ameaçou correr, mas foi barrado logo à frente por dois homens que saíam de uma viatura da polícia. Um dos policiais identificou-se como delegado. O outro, investigador. O rapaz tremeu na base, mas logo foi tranquilizado. “Fica calmo. A gente sabe da bronca da pensão alimentícia da tua mulher, mas essa aqui não é contigo”.

– Então, doutor, tô liberado?

– Negativo, campeão. Este (mostra a foto) é o sujeito com quem você estava conversando, certo? É seu amigo?

– Ah, doutor! O negão é um gozador. Disse que se chama Alemão. Sujeito esquisito. Pelo tamanho, tem jeito de ser jogador de basquete americano, ainda mais porque no peito do seu agasalho tinha umas letras...Q...não..K...G...B. Isso, KGB.

*

Os policiais se entreolharam. “Hum, aí tem”, balbuciou o delegado. Reuniu a equipe. Até aquele momento ele não havia revelado aos seus subordinados o verdadeiro motivo da caçada ao tal Alemão.

– Bem, pessoal. Chegou a hora da verdade. Prestem atenção. Vocês estão participando da Operação KGB. Estamos cooperando com a Interpol na busca de um alemão criminoso de guerra. Ele era agente duplo e também trabalhava para a polícia secreta da antiga União Soviética, a KGB. É acusado de crimes contra a Humanidade. O rapaz aí é conhecido como o Alemão da KGB e seria o filho do criminoso. Entendido? Vamos lá. Tá no papo.

Os incautos transeuntes começavam a se aglomerar, impressionados com o aparato policial na porta da LAN house onde o Alemão acabara de entrar. “Será que prenderam o Beira-Mar?” “Não”





– pitacava outro – “ouvi que o Marcola fugiu. Pode ser ele”. “Vi na televisão que o Bandido da luz vermelha voltou a atacar...” “Sai da tumba, meu, esse aí já era...” “Ah! Deve ser pegadinha...” E por aí caminhava o besteiro quando surgia a equipe do programa policial Brasil Alerta. Afagos, loas e confetes ao delegado que conduzia a operação e lá vem o Alemão de braços dados com dois soldados (que ninguém é herói e a PM também havia sido chamada para reforçar o cerco ao perigoso meliante).

Já viram um boi entrando no corredor da morte? O olhar de tristeza do animal é um misto de autopiedade com pedido de socorro que corta até mesmo o coração de uma pedra. Esse era o Alemão que chegava à delegacia. Documentos e burocracias de praxe, começa o interrogatório. Ele, cabibundo e meditabaixo, olhar perdido na frase fria de Paul McCartney desenhada na parede atrás da cadeira do delegado: “Se os matadouros tivessem paredes de vidro todos seriam vegetarianos”.

– Então, senhor Gunther Benedito da Silva – nome chique, hein! – O senhor pode nos explicar por que é conhecido como o Alemão da KGB, conforme nos disseram várias pessoas que o conhecem e...

– Com licença! – Irrrompe na sala elegante senhora que se identificara como advogada do suspeito. Chamava a atenção pelo vistoso casaco branco sobre a saia vermelha que generosamente deixava seus alvos joelhos à mostra. Pinta de balzaquiana da elite. Um must para o gosto dos policiais, acostumados a lidar com a ralé, aquela era uma visão de embasbacar. E o Alemão ali, tão pasmo e surpreso quanto os tiras.

– Está havendo um terrível equívoco com o meu cliente (Ela tinha um leve sotaque estrangeiro). Na verdade, abuso de autoridade. Um delírio egomaniaco. O homem que vocês estão procurando definitivamente não é este aqui... E nem existe.

– Como?! – subiu nas tamancas o estupefato delegado chefe da operação – Se a dou-to-



-ra se atreve a vir no meu quintal dizer besteiras desse tipo deve também saber que, advogada ou não, posso detê-la por desacato. Quem lhe deu o direito de apontar o dedo para mim?

– ISSO AQUI! – E atira sobre a mesa o documento que deixa brocha qualquer delegado: o habeas corpus preventivo.

– Puta que pariu! Catsol! Estou ferrado! Do que se trata, afinal de contas, doutora (agora, num tom civilizado)?

Sem perder o fair play, Ingrid Oliver Mezzacappo abriu a pasta e despejou um calhamaço de documentos que, além do HC, cancelavam a iminente prisão do Alemão e comprovariam a sua inocência. Foi um soco no fígado do policial, um flash do inferno. Perplexo, incrédulo, provavelmente já antevia as consequências de todo aquele imbróglio... Que ainda não tinha terminado.

– Doutor, o que o levou a empreender uma investigação como essa sem o aval de seus superiores? Fique sabendo que amanhã mesmo vou representar contra o senhor na Corregedoria de Polícia Civil.

– Podemos conversar a sós, na minha sala? – Pediu, humilde, o delegado.

– Não temos nada mais para conversar.

Àquela altura, o repórter do Brasil Alerta já não estava mais sozinho. O DP saía pelo ladrão.



– Doutora (implorando, patético), a senhora precisa levar em conta que tínhamos uma pista muito forte. Não é todo mundo que é conhecido como o Alemão da KGB, concorda?

– Discordo. Passar bem.

*

Os urubus da imprensa já a rodeavam no tradicional corpo-a-corpo, ávidos por torturar a entrevistada com microfones e câmeras fotográficas. A doutora Ingrid chamou para perto dela o Alemão, que a abraçou, beijou-lhe o rosto e derramou-se em lágrimas:

– Danke, Schwester, mein Engel, danke!

Cena emotiva, ninguém entendendo lufas. Irmã? Obrigado, meu anjo???

– É isso mesmo. Não se iludam com as aparências. O Gunther, que vocês chamam de Alemão, é meu irmão. Filho da segunda esposa de meu pai. Não é o bandido que a polícia está querendo fazer crer.

– Então a polícia pegou a pessoa errada? Do que ele está sendo acusado? A senhora vai processar a polícia?

– Calma. Vou explicar tudo de uma vez. Não quero perguntas.

O alvoroço na delegacia cresce vários decibéis com a chegada do delegado-geral de polícia e do secretário de segurança pública. Todos os olhares se voltaram para o delegado que chefiara a busca e que, àquela altura, procurava um buraco para enfiar a cabeça. Desafeto dele, o assessor de imprensa se apressava em anunciar que depois da advogada o secretário daria rápida entrevista.

– Fale, doutora – pediu o secretário, um sujeito com aquela eterna cara de mau do Lee Marvin. Eficiente e respeitado, diziam.

A advogada foi didática no passo-a-passo do esmerdalho. Primeiro, mostrou o habeas corpus preventivo, que ela carregava já há um ano quando soube que a Interpol procurava o seu pai. É um alívio finalmente poder contar tudo de uma vez – começou. O pai tinha sido da Gestapo, a temida polícia secreta da Alemanha. Trabalhava no setor de contraespionagem com atuação na União Soviética.

Confundido com o irmão gêmeo, que também era da Gestapo, em 1943, foi acusado de traição – teria ajudado a facção anti-Hittler conhecida como Círculo de Oster. O irmão soube antes e o ajudou a sair do país. Ele se refugiou com amigos prussianos que pertenciam à KGB – a polícia secreta da União Soviética. Mudou de identidade. Dois anos depois teve que fugir. Com o fim da guerra e a derrota do Eixo (Alemanha, Itália e Japão), também seria alvo da Mossad, a polícia secreta de Israel que vingava os judeus. Foi para o Canadá, Estados Unidos e finalmente chegou ao Brasil. Havia ouvido maravilhas daqui. Com nova identidade, refugiou-se no oeste do Paraná e depois fixou-se em uma colônia de alemães no interior do estado de São Paulo.

Tendo estudado engenharia, também conhecia e manuseava explosivos, fazendo dele mão-de-obra requisitada na construção de Brasília, para onde foi em 1958. Ficou lá até 1965, quando foi convidado para trabalhar na área de segurança de uma multinacional alemã fabricante de armas e munições, em São Paulo. As iniciais da empresa: KGB. Casou-se com uma descendente de alemães e teve uma filha – ela, Ingrid. A esposa morreu no parto. Dois anos depois, envolveu-se com Luzia, uma negra baiana que trabalhava na casa dele. Dessa união nasceu Gun-



ther, o nosso Alemão. Os negócios prosperavam e a vida secreta do pai já eram águas passadas. “Ele não era um criminoso de guerra”, insistia Ingrid.

Na multinacional, ganhou prestígio e galgou posições até chegar ao topo como acionista e diretor da empresa. A filha foi estudar no exterior, casou-se com um italiano, e Gunther ajudava o pai na empresa, cuidando da área de atividades culturais. Ele queria mesmo era ser ator.

– Meu pai morreu em 2009, aos 94 anos. Nesse mesmo ano fui procurada por agentes da Interpol. Eles me disseram que só vieram a descobrir a verdadeira identidade de meu pai recentemente, e que não encontraram nenhum indício de que ele tivesse participado das ações criminosas da Gestapo. Disseram para eu ficar alerta com informações falsas e chantagens contra a nossa família e recomendaram ter sempre em mãos o habeas corpus preventivo para os herdeiros do meu pai. O delegado não checou direito a validade da informação que recebeu de um amigo dentro da Interpol e armou essa pataquada toda. Acho que está tudo explicado.

*

Antes que os jornalistas pudessem interpelar a advogada, o secretário de segurança pública pediu o microfone e fez a seguinte declaração:

– Nós já sabíamos desde a manhã de hoje dos riscos dessa operação, mas preferimos prestigiar e confiar na palavra do delegado que a comandou por se tratar de um dos mais competentes policiais de São Paulo. No entanto, também é nosso dever informar que um erro desse tamanho não o exime de punição. Ele errou, sabia disso e está afastado até a conclusão do inquérito que vai apurar o caso. Boa tarde a todos!

Enquanto o delegado saía pelas portas do fundo, jurando depenar o amigo da Interpol que o pusera naquela gelada, os repórteres reservavam uma última pergunta à advogada:

– Doutora, a senhora acha que a polícia foi induzida ao erro pela denúncia anônima equivocada?

– Venham aqui, por favor – e chamou o pessoal até a janela. Estão vendo aquela BMW cinza ali fora? Meu irmão é quem mais a usa. Vejam a placa: KGB 1109, iniciais da empresa e a data de nascimento dele.

Era isso!!! Eu sabia. Já tinha visto, mesmo de relance, o tal alemão saindo daquele carro. Eles moravam em uma mansão perto do Horto Florestal, por onde eu passava nas minhas caminhadas antes da pane elétrica no coração. Belo, que dia! Auf Wiedersehen!

***Daniel Pereira é jornalista. Ex-futuro biólogo, e de vez em quando se acha escritor de haicais, poesias, contos, crônicas. Até pretende lançar um livro chamado “O Esquife do Caudilho”, cuja história começa em Assis no exato dia da morte do ex-presidente Getúlio Vargas e fala de vários personagens da cidade, onde o autor morou por muitos anos. Atualmente é assessor de Imprensa do Memorial da América Latina, em São Paulo.*

